



## “Nós (não) podemos fazer isso!”: as recontextualizações antifeministas do cartaz “Rosie, a Rebitadora”\*

“We can(‘t) do it!”: the antifeminist recontextualizations of the “Rosie, the Riveter” poster

Carolina Fernanda Soares SILVA\*\*

**RESUMO:** O objetivo central deste artigo é caracterizar as recontextualizações (Bauman; Briggs, 2006 [1990]; Silverstein; Urban, 1996; Blommaert, 2008) do cartaz “Rosie, a Rebitadora” em seu trânsito por e entre espaços antifeministas. Ademais, identifico a performatividade de gênero e o sexismo presentes nesses processos. Levando em consideração o hibridismo online/offline (Blommaert *et al.*, 2019) das relações na contemporaneidade, a metodologia utilizada é a etnografia digital (Hine, 2015), com o aporte da rede social Facebook e das concepções no que diz respeito à utilização dos *memes* nesse ambiente (Varis; Blommaert, 2015). A bibliografia na qual me apoio para a compreensão das produções de “Rosie” no período de guerra são as postulações de Aguierre (2018) e Lôbo (2017). Além disso, a compreensão das questões de gênero e do feminismo advém de Butler (1990; 2004) e hooks (2018 [2002]). Faludi (2001) e Vaggione e Biroli (2020) são as principais autoras que contribuem para o entendimento sobre as disputas antifeministas ao longo dos tempos. Sendo a citacionalidade (Nakassis, 2019) um elemento analítico para a interpretação do que é modificado nas circulações dos textos, concluo que os discursos analisados agem definindo a subjetividade das pessoas em torno do gênero, em função da heteronormatividade e dos papéis sociais incumbidos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rosie, a Rebitadora. Recontextualização. Antifeminismo. Neoconservadorismo.

**ABSTRACT:** This article intends to characterize the recontextualizations (Bauman; Briggs, 2006 [1990]; Silverstein; Urban, 1996; Blommaert, 2008) of the poster “Rosie, the Riveter” in its transit through and between antifeminist spaces. Furthermore, I identify the gender performativity and sexism present in these processes. Taking into account the online/offline hybridity (Blommaert *et al.*, 2019) of relationships in contemporary times, the methodology used is digital ethnography (Hine, 2000; 2015; Varis, 2014), with the contribution of the social network Facebook and the concepts regarding the use of *memes* in this environment (Varis; Blommaert, 2015). The bibliography that supports the understanding of the productions of “Rosie” during the war period are the postulations of Aguierre (2018) and Lôbo (2017).

---

\* O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

\*\* Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG).  
[carolfesoress@gmail.com](mailto:carolfesoress@gmail.com)

Furthermore, gender issues and feminism comes from Butler (1990; 2004) and hooks (2018 [2002]). Faludi (2001) and Vaggione and Biroli (2020) are the main authors who contribute for understanding anti-feminist disputes over time. Being the citationality (Nakassis, 2019) an analytical element for the interpretation of what is modified in the circulation of texts, I conclude that the analyzed discourses act by defining the subjectivity of people around gender, according to heteronormativity and the delegated social roles.

**KEYWORDS:** Rosie, the Riveter. Recontextualization. Antifeminism. Neoconservatism.

Artigo recebido em: 20.06.2023

Artigo aprovado em: 10.10.2023

## 1 Introdução

Vivemos, nos últimos anos, momentos obscuros em território brasileiro: uma onda da extrema direita neoconservadora se alastra pelo país e, como é de se esperar, junto a ela, discursos antifeministas se tornam cada vez mais frequentes. Mesmo que, hoje, em 2023, respiremos com um pouco mais de alívio com a não-eleição (acirrada) de um presidente fascista, o Congresso Nacional está fortemente tomado por frentes que corroboram com o discurso do ex-governante. Será que já podemos descansar?

A fim de compreender articulações presentes nesses últimos anos de disputas, o cartaz e objeto analítico “Rosie, a Rebitadora” é uma das possibilidades que encontro para rastrear a maneira na qual podem se delinear os textos que circulam por e entre contextos antifeministas.

Este artigo faz parte de uma etnografia digital<sup>1</sup> que busca compreender as trajetórias textuais do cartaz por múltiplos contextos sendo um deles o antifeminista das mídias digitais, estas que andam conosco todos os dias, o tempo todo. O hibridismo entre contextos online e offline em nossa realidade cotidiana (Blommaert *et al.*, 2019; Hine, 2015) ganha ainda mais força nesse cenário.

---

<sup>1</sup> Parte de uma dissertação de mestrado (SILVA, 2022), desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a orientação da profa. Dra. Joana Plaza Pinto.

Por isso, a principal intenção desta pesquisa é caracterizar as recontextualizações antifeministas do cartaz de “Rosie, A Rebitadora” e, além do mais, busco identificar a performatividade de gênero e o sexismo nas recontextualizações da figura. Sendo assim, é considerado o contexto político, social e cultural, principalmente dos discursos brasileiros nas mídias digitais a partir do ano de 2015, ano escolhido por ser o primeiro do governo após a reeleição da primeira presidenta do Brasil, o que incumbe em um golpe político posteriormente. Além disso, marca a história feminista da atualidade e, ao mesmo tempo, indicia uma maior circulação de discursos misóginos, especialmente da extrema direita e de frentes neoconservadoras. Dessa maneira, os dados, aqui, também estão alocados em contextos pré e durante a pandemia de Covid-19.

## 2 O *backlash* antifeminista

O termo que advém do inglês, *backlash*, diz respeito às reações que surgem em contraponto a determinados avanços da sociedade. As práticas antifeministas fazem parte dele que, obviamente, opõe-se ao movimento feminista e a busca por direitos igualitários entre os gêneros (Faludi, 2001).

O antifeminismo se inicia logo após progressos feministas, principalmente no fim do século XIX para o século XX. A partir da segunda metade do século XX, nos Estados Unidos, no intuito de designar as reações dos “intelectuais conservadores” dos anos 1970 aos movimentos de contracultura, foi cunhado o termo “neoconservadorismo” (Vaggione, 2020). Desse modo, mas não necessariamente, os grupos antifeministas possuem, vastamente, em suas entranhas, grupos neoconservadores.

No Brasil também não é nova a emergência antifeminista e sua significância precisa ser colocada em associação com processos históricos, dimensões estruturais e uma multiplicidade de atores e processos. Da mesma maneira como o feminismo americano sempre reverberou por países da América Latina, o antifeminismo o fez, de

modo que, certamente existe uma orquestração para além do momento atual e as estratégias são importadas.

Em território brasileiro, as disputas precursoras em torno de gênero, sexualidade e aborto situam-se ao fim do Estado novo:

quando representantes eclesiásticos católicos da legislatura de 1946 questionaram os artigos sobre o aborto no Código Penal de 1940. A partir dos anos 60, a Igreja também investiu esforços para proibir o acesso das mulheres às novas tecnologias de anticoncepção (Corrêa; Kalil, 2020, p. 33).

Atualmente, com a ajuda das redes sociais, vivenciamos o mais recente *backlash* acompanhado de fortes atuações da extrema direita e de manifestações antidemocráticas no Congresso Nacional. Como aponta Brown (2019, p. 9), “políticos e vitórias políticas encorajam movimentos de extrema direita que, por sua vez, se sofisticam à medida que manipuladores políticos e peritos em mídia social moldam sua mensagem”.

Exemplo disso é o espalhar de um termo extremamente circulado nos últimos anos, especialmente nas mídias digitais: “ideologia de gênero”, – que remete, principalmente, a temas como o aborto e a identidade de gênero – um conceito que se disseminou, especialmente em 1990, com papel importante da Igreja Católica em defesa de uma concepção da natureza que abrange a reprodução e a identidade sexual. A partir disso, “no discurso teológico que prevaleceu nos documentos do Vaticano nessa época, a alegação da existência de uma ‘cultura da morte’ baseada em uma ‘mentalidade contraceptiva’ precedeu o recurso à ‘ideologia de gênero’ (Vaggione, 2020, p. 22). Reciclada recentemente, na última década, essa “ideologia” é utilizada como estratégia de católicos e evangélicos (neo)conservadores para impedir avanços dos direitos das mulheres (Vaggione, 2020).

Esse mesmo grupo neoconservador afirma que, por ordem do divino, a mulher tem uma função biológica distinta da do homem e, por isso, a ela também devem ser

dadas diferentes incumbências sociais, ou seja, “se Deus ou a natureza criaram diferenças entre os sexos, que, em consequência, determinaram a divisão sexual do trabalho, ninguém pode ser culpado pela desigualdade sexual e pela dominação masculina” (Lerner, 2019, p. 45). Nesse sentido, e muito sabiamente, bell hooks (2018 [2002], p.18) diz que “uma vez que nossa sociedade continua sendo primordialmente uma cultura ‘cristã’<sup>2</sup> multidões de pessoas continuam acreditando que deus ordenou que mulheres fossem subordinadas aos homens no ambiente doméstico”.

Os confrontos antifeministas na atualidade brasileira têm seus padrões alterados, principalmente com o advento das redes sociais. O termo “neoconservador”, assim sendo, funciona para caracterizar sujeitos do antifeminismo, pois é um conceito que “permite jogar luz sobre as alianças e afinidades em diferentes setores” (Vaggione, 2020, p. 28). Todavia e, sobretudo, é importante dar atenção ao fato de que essas alianças neoconservadoras vão além dos agentes religiosos, já que investigações apontam que estão presentes também em organizações empresariais, proprietários de terra e militares que

têm tido papel na organização de campanhas eleitorais e no peso que os atores neoconservadores têm assumido no legislativo. Do mesmo modo, o processo político brasileiro recente expõe uma aliança entre extrema direita, ultraneoliberais e militares na qual a reação ao gênero vem sendo um eixo central desde a campanha eleitoral de 2018 até as políticas de governo em diferentes ministérios (Vaggione, 2020, p. 28).

A pesquisadora Judith Butler, inclusive, veio ao Brasil antes disso, em 2017, em um momento de auge do *backlash* atual. Assim que chegou ao aeroporto do país, foi alvo de gritos (orquestrados através de organização também nas mídias digitais) de “queimem a bruxa”<sup>3</sup> e discursos que afirmavam que sua teoria, na verdade, tinha como

---

<sup>2</sup> E aqui acresço “conservadora”, já que há de se considerar a não homogeneidade dos discursos cristãos.

<sup>3</sup> Batista (2020) trata das memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação desse tipo, contra Butler.

pretensão tornar todas as crianças homossexuais, o que acabaria com a tão aclamada “família”.

O que Butler (1990) faz, na verdade, ao tratar de gênero, é utilizar a noção de ato performativo para dizer que gênero é “a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância de uma classe natural de ser” (Butler, 2020 [1990], p. 59). Ela observa que a constante repetição de atos enquadrados como feminino cria a “mulher”, da mesma maneira que a iteração de ações concebidas como masculinas faz o “homem”.

A partir do momento em que o ato está ritualizado, não será mais um momento único e, ainda, “o performativo é eficaz não somente quando realizado o ato, mas sim quando a partir desse ato se derivam um conjunto de efeitos” (Butler, 2004, p. 38, tradução minha)<sup>4</sup>.

O fazer performativo é um conceito que nos possibilita compreender a maneira como certas ações são ritualizadas e também o que mais influencia a formação e reformulação dos sujeitos. Segundo Pinto (2007, p. 2), “dentre as diversas relações de poder presentes na atividade de linguagem estão as relações de gênero”. A autora também afirma:

A teoria de gênero problematiza essa idéia de uma organização simples em torno do “sexual”. Ainda que a anatomia seja um componente importante a ser analisado, deve se levar em consideração antes de mais nada que gênero é uma estilização do corpo. Não a anatomia, mas os atos de fala que se organizam em torno desta (Pinto, 2007, p. 3).

---

<sup>4</sup> Un performativo es eficaz no sólo cuando realizo el acto, sino cuando a partir de ese acto se derivan un conjunto de efectos.

Judith Butler pensa gênero a partir das teorizações de Austin (1962), na obra *How to do things with words*<sup>5</sup> sobre os atos de fala e performatividade. Dessa forma, conforme o autor, todo enunciado faz e performa algo, não só descreve, mas sobretudo, age sobre as pessoas e o mundo. A partir dessa perspectiva sobre os *atos de fala*, o “coração teórico da Pragmática Linguística” (Pinto, 2014, p. 208), foi possibilitado aos estudos linguísticos fundamentos acerca dos contextos, imprescindíveis para se compreender de fato a linguagem e a interação entre indivíduos. Para Butler, essas ritualizações performativas sujeitas pela sanção social e pelo tabu fazem o gênero, e são justamente essas características que permitem a contestação (Pinto, 2013).

Gênero é um dos efeitos dos atos de fala, efeitos esses que são violentos ao se mostrarem socialmente como reais e naturais, reforçando uma estrutura binária e hierárquica:

(...) antes de tudo, gênero está implicado no poder, no plano de controle, das dominações e da violência. Assim não podemos fugir de que a diferença entre “homem público” e “mulher pública” não é uma diferença morfológica – ou não é, como aprendemos na escola, um propriamente o “feminino” do outro. São os atos repetidos dentro de um quadro rígido que constituem gênero – atos ritualizados através de um corpo que fala. E ainda a rigidez e a repetitividade desse quadro é o que tornam ao mesmo tempo, e mais facilmente perceptível, com uma aparência natural, e por isso mesmo possibilidade inteligível do sujeito (...) (Pinto, 2007, p. 24).

Retornando ao antifeminismo no Brasil, os aspectos mais relevantes da aliança entre neoliberais e conservadores, que forja o neoconservadorismo, é que eles se encontram quando a narrativa da crise tem a *família* como lócus. Um exemplo disso é como a participação maior das mulheres no mercado de trabalho remunerado

---

<sup>5</sup> Em obra traduzida em 1990 por Danilo Marcondes de Souza Filho: “Quando dizer é fazer: palavras e ação”.

brasileiro na segunda metade do século XX é causativamente avaliada por essas pessoas como um fator de desestabilização do casamento e da boa criação dos filhos (Vaggione, 2020), mesma coisa que ocorreu nos EUA.

A família que se almeja é apoiada em uma determinação heterossexual de casamento (heteronormativa), em que mulheres e crianças ficam sob supervisão do pai (patriarcal) e qualquer balbucio que vá além desses limites morais e legais que definem a família é repudiado (Vaggione, 2020). Então, o parecer de ameaça feminista “se liga (...) à de destruição da família, mas também à de contestação da autoridade paterna” (Biroli, 2020, p. 172).

Com a potência das mídias digitais na contemporaneidade, grupos antifeministas viram a oportunidade de disseminação de seu discurso, de maneira que, nesse ambiente, temos práticas antigas recicladas com o auxílio da ultra velocidade e capacidade de disseminação da internet.

Por fim, nessa reação antifeminista existe explícito empreendimento em reduzir o feminismo em suas variadas expressões e versões, o transformando em responsável pelo declínio de “valores” que a contraofensiva neoconservadora busca recuperar. Portanto, mesmo que a condenação do movimento feminista não seja necessariamente nova, é preciso reconsiderar, frente ao antifeminismo crescente – inclusive de mulheres – estratégias feministas atentas ao novo contexto global e regional onde são desenvolvidas as lutas políticas (BALLESTRIN, 2020).

### **3 As recontextualizações e a citacionalidade: elementos teóricos, metodológicos e analíticos**

Entextualizar é o processo que transforma o discurso extraível e, assim sendo, converte um fragmento de produção linguística em uma unidade, o texto, que pode ser extraído da situação interacional (Bauman; Briggs, 2006). Os textos, nesse viés, são processos culturais contínuos e a *entextualização* produz uma viagem textual que leva a diferentes interpretações e, por assim ser, a diferentes textos.

Ao sair de seu contexto de produção, o texto é logo *descontextualizado* e necessariamente *recontextualizado* em outro contexto, realizando uma “viagem” textual, a qual Silverstein e Urban (1996) chamam de “história natural dos discursos” e Blommaert (2008) discute ao falar das “trajetórias textuais”.

Diferentes estratégias de entextualização incubem diferentes forças ao sentido (Pinto, 2016). Para Moita Lopes e Fabrício (2018, p. 773), as trajetórias de texto apresentam impreterivelmente contingências e causalidades, o que torna as recontextualizações ocorrências intertextuais imprevisíveis, porque simultaneamente iteram, citam e copiam outros textos e convertem em diálogo com situações emergentes. Desse modo, “é esse tipo de circuito que performativamente constrói significados sempre em movimento”.

No processo de recontextualização, então, temos a citacionalidade, que é a propriedade interdiscursiva reflexiva da realização semiótica (Nakassis, 2013). Ainda, no que diz respeito explicitamente aos atos citacionais canônicos, como as citações, a citacionalidade se refere a uma propriedade mais geral da (meta)semiose, em que se pode re-apresentar um evento de discurso ao mesmo tempo em que se marca reflexivamente essa representação com o que o ato citacional presencia.

(...) a citacionalidade é uma qualidade reflexiva de certos tipos de atos, atos cuja citacionalidade é, de uma forma ou de outra, em primeiro plano constitutiva de seu status como o tipo particular de ato que eles são construídos como sendo. Isso significa, (...) que a citacionalidade não é uma característica transcendental de todas as atividades semióticas, como diria Derrida, mas é um aspecto e conquista de (tipos de) atos discursivos específicos no contexto. (...) a citacionalidade é um meio poderoso através do qual a linguagem atua, através do qual a repetição gera diferença, através do qual a novidade entra no mundo (Nakassis, 2013, p. 54, tradução minha<sup>6</sup>).

---

<sup>6</sup> (...) citationality is a reflexive quality of certain kinds of acts, acts whose citationality is, in one way or another, foregrounded as constitutive of their status as the particular kind of act they are construed as being. This means, (...) that citationality is not a transcendental feature of all semiotic activity, as Derrida

Nakassis (2013), então, diz que as citações se repetem, mas de maneiras distintas. A diferença é assinalada em um tipo lógico diferente do que é citado, e, dessa forma, a diferença produzida pela citação passa a negar de maneira parcial ou colocar entre colchetes o que se repete, mudando de posição o status de si mesma. Nesta configuração, a citação abstém-se de algo do que retrata (sua qualidade, semânticidade ou denotação, ou performatividade), ou seja, embora a citação traga alguma coisa nova, algo do citado sempre se mantém e é essa persistência é que torna a citação realizável, porque somente o que pode suportar a potência da descontextualização e da recontextualização pode ser citado.

É importante mencionar, por fim, que a citação é indexical, isso porque sempre aponta para um contexto. Conforme Silverstein (2003), ordem indexical é um conceito importante para compreendermos como funciona a relação dos quadros microssocial e macrossocial da análise de qualquer fenômeno sociolinguístico. Então, para compreender as citações, é preciso estar atenta/o à indexicalidade destas para, de fato, poder identificar o processo de significação dos textos.

#### 4 Contexto da pesquisa, memes e etnografia digital

Ao considerarmos a relevância que se dá pela imbricação entre o ambiente digital e as condições e relações no contexto em que vivemos, necessitamos de alternativas metodológicas criativas para suprir realisticamente nossos objetivos de pesquisa. A etnografia digital nos fornece bom aparato nesse âmbito. Sua principal característica e diferencial em relação a outros tipos de pesquisas em ambientes digitais é a consideração de relação mútua, simultânea e híbrida entre online e offline (Blommaert *et al.*, 2019; Varis; Hou, 2020). De modo que, quando estamos em espaços

---

would have it, but is an aspect and achievement of particular (kinds of) discursive acts in context. (...) citationality is one powerful means through which language acts, through which repetition begets difference, through which newness comes into the world

digitais, lidamos com recontextualizações ainda mais potentes, que incorporam nossas vidas cotidianas (Hine, 2015).

Os *memes*, por exemplo, surgem na internet e passam a integrar a vida das pessoas no dia a dia em uma conversação, ou em um evento como uma entrevista de TV, podendo percorrer as redes sociais com múltiplas recontextualizações. Nas palavras de Varis e Blommaert (2015, p. 36, tradução minha<sup>7</sup>), “mesmo as atividades simples de ‘cópia’ ou ‘imitação’, como o ‘compartilhamento’ do Facebook, envolvem uma grande mudança no tipo de atividade chamada re-entextualização”. Estamos tratando de signos multimodais em que imagens e textos são articulados e, geralmente, permitem uma recontextualização intensa, na qual signos originais são modificados em distintos signos, genericamente pertinentes: a essência é mantida, mas é ajustada à conjuntura, produzindo distintos efeitos comunicativos.

Ademais, possibilidades disponíveis nas mídias digitais - como a curtida, o comentário, o compartilhamento - são justamente para a rápida propagação “viral” de distintos signos, enquanto que o conteúdo real e formal desses signos desaparece (Varis; Blommaert, 2015). “Compartilhar” não garante que houve uma leitura cautelosa do texto publicado e as pessoas fazem isso, pois costumam considerar importante fazer parte de um grupo: “gostar” e “compartilhar” o que as/os outras/os falam. É nesse sentido que “as variações do tema do meme variam do mínimo ao máximo, mas o modelo genérico é constante” (Varis; Blommaert, 2015, p. 37, tradução minha<sup>8</sup>).

Muitas vezes, o meme traz consigo o humor e tem grande potencial, nos dias atuais, de convencimento e formação da opinião de muitas pessoas<sup>9</sup>.

---

<sup>7</sup> Even simple ‘copying’ or ‘imitation’ activities such as Facebook ‘sharing’ involve a major shift in activity type called re-entextualization”.

<sup>8</sup> Variations on the memic theme range from minimal to maximal, but the generic template is constant

<sup>9</sup> Trabalhos como Castilho (2019); Junior e Pelúcio (2020); Sarmiento e Chagas (2020) tratam dessa relação.

Os memes, em diversos casos, servem para interferir ou reconstruir a opinião pública a partir do humor, o que, efetivamente, faz o conteúdo ganhar circulação meteórica pelos meios sociais contemporâneos. A própria presença em uma mídia social já impulsiona o usuário a demonstrar suas afeições, rejeições e posicionamento, pois é exatamente este tipo de conteúdo que ele consome dentro destas plataformas em boa parte do tempo online. Existe uma espécie de “mão invisível” que leva a maioria dos usuários de mídias sociais a expressarem seus posicionamentos, ainda que eles não tenham embasamento teórico nem que haja especialização necessária no tema abordado. Assim, as mídias sociais são palco de um fenômeno curioso jamais visto na história: cria-se um ambiente em que a voz comum é confundida com a voz especializada, colocadas em um mesmo patamar de difusão, estabelecendo uma verdadeira confusão de informações propícias para a propagação de notícias falsas, boatos e mentiras disseminadas a uma impressionante velocidade. Neste ambiente, elevam-se as vozes não especializadas que, apesar de, muitas vezes, não terem o conhecimento para defender, abordar ou combater certa opinião, acabam tendo grande visibilidade por conta de suas habilidades com os processos de distribuição de conteúdo online (Castilho, 2019, p. 20).

Essa “mão invisível” é o algoritmo que guia as/os usuárias/os nas redes, fazendo-as/os seguirem determinadas direções a partir de algum interesse demonstrado.

Nesta pesquisa, os dados apresentados e analisados (antifeministas contemporâneos provenientes da rede social Facebook) são memes, parte de uma pesquisa que busca compreender toda, ou parte substancial, da trajetória do texto “Rosie, a Rebitadora”, desde sua produção durante o período da Segunda Guerra Mundial até contextos feministas e antifeministas. Optei, neste artigo, por explorar o contexto de recontextualizações antifeministas, como já salientado, tão emergente nas redes no contexto sociopolítico atual.

A pesquisa de campo se iniciou em outubro de 2020 e se findou de fato em janeiro de 2022. Os dados, neste lugar manuseados, foram encontrados a partir das pesquisas, em minha conta pessoal, com as seguintes palavras-chave utilizadas na ferramenta de busca da rede social: “antifeminismo”, “anti feminismo” e “contra o

feminismo”. Logo depois, percebi que as procuras por essas páginas já citadas me levavam a outras múltiplas relacionadas que tratavam de temáticas neoconservadoras e de direita/extrema direita. O algoritmo passou a me sugerir páginas com os dizeres “hipocrisia feminista”, “machista da zueira”, “conservadores” “mulheres cristãs”, “mulheres conservadoras”, “mulheres com Bolsonaro” (uma relação ao ex-presidente de extrema direita) etc. e a imagem também estava em muitas delas. Foram selecionadas para busca da figura as páginas com mais de 1.000 curtidas e que respondessem a face desse discurso, com as performances de gênero e o sexismo exigidas nessa circunstância.

### **5 “Rosie, a Rebitadora” e o antifeminismo: “We can do it!”?**

Antes de irmos às recontextualizações, precisamos nos situar sobre o contexto de produção do cartaz de “Rosie, a Rebitadora”.

Há de se salientar, primeiramente, a existência de diversas controvérsias que atravessam a inspiração ao cartaz, bem como à existência de mais de um com o mesmo nome. Com isso, há a “Rosie”, de J. Howard Miller, de 1942, um cartaz não tão popular em seu período de criação, e que, posteriormente, foi recontextualizado no feminismo, tornando-se ícone do movimento. Ele foi produzido no período da Segunda Guerra Mundial, para o Comitê de Coordenação de Produção da Guerra nos Estados Unidos, com o intuito de atrair, temporariamente, mulheres para o trabalho nas fábricas, já que os homens desses locais estavam se deslocando para a batalha (Lôbo, 2017). Vejamos, abaixo, a versão digital da primeira propaganda, encontrada através de pesquisa no Google:

Figura 1 – Rosie, a Rebitadora.

Fonte: Wikipédia<sup>10</sup>.

Aqui, vemos uma mulher com uma postura em que levanta as mangas da camisa ao mesmo tempo em que mostra os bíceps com as mãos cerradas e, acima dela, há a frase “We can do it!”- “Nós podemos fazer isso”, em português - dentro de um balão, indicando sua fala. Ela está com um lenço na cabeça, o rosto com traços de maquiagem, que indicam uma performance feminina de gênero, e vestida com uma roupa azul com um broche que contém a figura de uma outra pessoa. Abaixo, ao lado esquerdo, tem a assinatura do autor, e informações acerca da data de produção e do comitê de guerra.

Por muito tempo, acreditou-se que a mulher representada nessa imagem fosse a modelo norte-americana Geraldine Hoff Doyle, mas pesquisas hodiernas informam que, em realidade, se tratava de Naomi Parker Fraley, trabalhadora na Base Aeronaval de Alameda, na Califórnia, e que, com o final da guerra, deixou o trabalho na indústria

---

<sup>10</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosie\\_the\\_Riveter](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosie_the_Riveter). Acesso em: 05 jan. 2021.

para ocupar a vida doméstica<sup>11</sup>. Em março de 1942, um fotógrafo visitou a base para documentar as mulheres pioneiras a realizarem um trabalho que a boa parte das pessoas à época acreditavam ser masculino. Em suma, o cartaz já surgia de maneira heterogênea: tem quem diga que o autor se inspirou também em Rosie Will Monroe, trabalhadora rebitadora na construção de bombardeiros durante a Segunda Guerra Mundial (Lôbo, 2017).

Ainda que o cartaz produzido por Miller fosse o primeiro a ser criado a partir da figura de “Rosie”, outro cartaz com a intitulação “Rosie, a Rebitadora” tornou-se mais popular à época: o de Norman Rockwell, inspirado por uma música com o mesmo nome. Capa da revista *Saturday Evening Post*, de 1943, um ano após o primeiro cartaz de “Rosie”, ele apresenta distinções em seu teor em relação ao outro, como é possível visualizar abaixo:

Figura 2 — Rosie, the Riveter, de Norman Rockwell.



Fonte: *The Saturday Evening Post*<sup>12</sup> apud Aguierre, 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://time.com/5114251/rosie-the-riveter-real-identity/>. Artigo escrito pelo professor James Kimble, pesquisador acerca da história da verdadeira Rosie. Foi dele a descoberta sobre sua identidade.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.saturdayeveningpost.com/2013/07/rosie-the-riveter/>. Acesso em: 05 jul. 2021.

A postura descontraída dessa Rosie difere-se do cartaz de Miller, de maneira que possui um conteúdo mais realista em relação às trabalhadoras da guerra: elas se sujavam, sentavam como se sentiam à vontade e saciavam sua fome mesmo não estando limpas, isto é, relaciona-se mais com um contexto real de trabalho. Em todo o caso, não se pode ignorar que a intenção dessa capa de revista era a mesma do outro cartaz: recrutar mulheres brancas de classe média para o trabalho em fábricas no decorrer da guerra (Aguierre 2018), um estado de exceção.

De qualquer modo, vamos nos ater, neste artigo, à trajetória da “Rosie”, de Miller, popularizada em anos posteriores. A partir de 1970, a imagem é recontextualizada nas ruas como ícone feminista (Heine; Sales, 2020), o que perdura até os dias atuais, em outro contexto, com o surgimento e ampliação das redes sociais. Ao passo que lutavam para se libertarem das imposições sociais sobre seus corpos, as mulheres da chamada “segunda onda feminista” descobriram “Rosie, a Rebitadora” e seu slogan como um índice de empoderamento:

O pôster “We Can Do It” foi visto de uma maneira diferente por feministas da segunda onda. Para elas, Rosie podia ser feminina e forte. À medida que o movimento decolava, a propaganda “We Can Do It” de Howard Miller ficou mais conhecida como “Rosie, a Rebitadora”. O pôster era adotado pela Organização Nacional das Mulheres e desempenhou um importante papel na promoção da igualdade dos sexos. A legenda do pôster inspirou as mulheres a acreditarem que tudo era possível. (...) Rosie, a Rebitadora, foi encontrada em todos os lugares durante a segunda onda do movimento feminista; em revistas, manchetes de jornais e nos cartazes em março (Aguierre, 2018, p. 15, tradução minha<sup>13</sup>).

---

<sup>13</sup> The “We Can Do It” poster was viewed in a different light by second-wave feminists. To them, Rosie could be both feminine and strong. As the movement took off, Howard Miller’s ‘We Can Do It’ propaganda poster became better known as ‘Rosie the Riveter’. The poster was adopted by the National Organization of Women and played an important role in pushing for the equality of the sexes. The caption of the poster inspired women to believe anything was possible. (...) Rosie the Riveter was found everywhere during the second-wave feminist movement; in magazines, newspaper headlines, and in march posters.

“Rosie”, assim, não mais indiciava somente uma geração de mulheres que ganhou certa presença temporariamente no trabalho durante a Segunda Guerra. A partir disso, se tornava ícone também de muitos grupos feministas, sendo ressignificada, porque, de certa maneira, retratava uma mulher forte e independente e fazia circular uma frase sobre poder sem objeto direto especificado (“We can do it!”) que inspirava e encorajava as mulheres a alcançarem lugares antes impensados (Aguierre, 2018).

Não é diferente no contexto feminista contemporâneo, principalmente com a formação de, cada vez mais, intersecção (cf. Akotirene, 2019) dentro do movimento. Lélia Gonzalez, nesse sentido, fala sobre as *amefricanas* do Brasil, mulheres descendentes de africanas e brasileiras, e acredita na importância de um feminismo afro-latino-americano (2020 [1988]). Assim, a autora afirma que “foi dentro da comunidade escravizada que se desenvolveram formas político-culturais de resistência que hoje nos permitem continuar uma luta plurissecular de liberação. A mesma reflexão é válida para as comunidades indígenas” (Gonzalez, 2020[1988], p. 52).

À medida em que a imagem chega à atualidade através das redes sociais e passa a integrar ambientes feministas e antifeministas, é notável que a internet deixa de ser somente um ambiente para se buscar informações, mas se torna também e, principalmente, um local de construção, disputa e contestação de significados (Moita Lopes, 2010). Vejamos essas disputas no âmbito do antifeminismo.

### **5.1 Nós (não) podemos (não) performar a heteronormatividade**

O patriarcado que, no meio do século XX disputou em propagandas de guerra o lugar das mulheres, pode ser detectado nas disputas sobre o local destas nas mídias sociais no século XXI, com a sofisticação de manipuladores políticos e peritos em mídia social para controlar a recontextualização dos textos (Brown, 2019).

A seguir, serão analisados dados gerados online em páginas antifeministas no Facebook na atualidade.

Figura 3 – Postagem na página “Mulheres na Reforma”.



Fonte: Página “Mulheres na Reforma” no Facebook<sup>14</sup>.

Essa imagem, publicada em 2021, foi encontrada em uma das páginas sugeridas a mim pelo algoritmo do Facebook, em minha conta pessoal, e tem como nome “Mulheres na Reforma”, possuindo a descrição: “Somos Cristãs Protestantes, Calvinistas e Reformadas com o foco de aprofundamento das Escrituras Sagradas”. Elas também possuem, segundo a mesma descrição, um grupo na rede social Telegram e o compartilham na descrição da página. Aqui, no momento da pesquisa, são 22.370 curtidas e 22.952 pessoas seguindo. Já na postagem em questão, são 103 comentários e 33 compartilhamentos. Possui a seguinte legendagem: “O feminismo trouxe, primeiro, a masculinização da mulher; depois, a feminização do homem; por fim, a bestialização de ambos.” – Dom Manuel Pestana Filho Foto: Pinterest”.

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulheresnareforma/photos/827547267792841>. Acesso em: 30 jan. 2021.

As cores amarelo ao fundo, azul nas roupas e o lenço vermelho com bolinhas são citadas nessa recontextualização do cartaz de “Rosie”. A imagem em questão vem acompanhada de sua legenda explicativa (sem ela, inclusive, é provável que haveria outras interpretações, até mesmo contrárias ao intuito que expressa): uma frase citada de um bispo brasileiro, Católico Romano, o que é intrigante, pois o Calvinismo, explícito na descrição da página, surgiu como uma crítica às práticas e alguns dogmas da Igreja Católica – entraves históricos que caem neste período neoconservador - indiciando o teor cristão. Além do mais, há a menção de uma “masculinização da mulher” com o passar do tempo. Então, são três “personagens”, a primeira se assemelha com a Rosie da Segunda Guerra, a segunda e a última seriam tentativas de “masculinizar” a mulher e “feminizar” o homem, respectivamente.

Dessa maneira, há três performances de gênero distintas. A primeira, que é uma mulher, tem a aparência parecida com a de Rosie, também está de maquiagem, mas a postura é diferente, já que está apontando o dedo indicador. A segunda é uma pessoa diferente, com a pele mais escura, provavelmente transicionando, devido ao contexto da imagem e do auxílio da legenda que explica negativamente essa transição. Uma pessoa em transição de gênero não é algo bom nesse sentido? A terceira é um homem, ou seja, está em disputa um corpo masculino também. Que padrão de homem se procura aqui?

Há de ser manifestado também como as pessoas da figura vão ganhando tons de pele mais escuros com o passar do tempo, o que, ao se cruzar com o texto da legenda, se sobrepõe à gradação negativa dela. O feminismo trouxe também o escurecimento das pessoas e isso seria ruim? Ou a possibilidade de essas pessoas falarem, serem ouvidas e obterem seu lugar de protagonismo? A evolução feminista, que cada vez mais intersecciona gênero e raça, incomoda.

O racismo que, ao contrário do que se diz na imagem e não diz – explicitamente – na legenda, está presente, ao passo em que a mulher é “masculinizada” e a cor de sua pele escurece. Como sabemos, “no Brasil, o racismo – enquanto construção

ideológica e um conjunto de práticas – passou por um processo de perpetuação e reforço após a abolição da escravatura, na medida em que beneficiou e beneficia determinados interesses” (Gonzalez, 2020, p. 34).

Nesse sentido, grupos em posições de privilégios tendem a perseguir as/os que vão contra esses lugares, já que pode haver a desestabilização de poderes, até então consagrados. A “masculinização” também vem acompanhada da maquiagem sendo retirada com o passar do tempo, o que se refere à performatividade exigida nessa ritualização do gênero como imposição (Butler, 2020 [1990]) – que parece ser a principal mensagem a ser passada – feminina de gênero.

Finalmente, a mulher “masculina” e o homem “feminino” são considerados “bestializados” nesse sentido, o que sustenta um discurso de que pessoas que não performam o masculino sendo homem e o feminino sendo mulher, pessoas transexuais e no caso do dito na imagem, pessoas negras, sejam vislumbradas como bestas, animais, não-humanas. Tal constatação comprova a prática dos grupos neoconservadores, que, de fato, tratam as minorias sociais como fora da sociedade. Minorias que não correspondem à maioria se tornam práticas discursivas reforçadas atualmente para desumanizar grupos e, assim, excluí-los (Biroli, 2020).

Posto isso, o homem também tem padrões sociais de gênero a performar, já que, se fugir disso, é considerado desviante. Essa afirmação também se constitui de misoginia – aversão às mulheres –, de modo que possuir traços femininos é algo negativo. O que estas, os homens, e todas as pessoas podem está em disputa nessa recontextualização: podem seguir seus respectivos “papéis de gênero” que frentes neoconservadoras e afins impõem.

O país vivia e ainda vive um período de *backlash* antifeminista, em que um político de extrema direita é eleito em 2018 como presidente e toda uma orquestração em torno dele se elege também, cada eleição mais numerosamente, o que comprova a ascensão e o desvelamento de posturas preconceituosas. O Brasil, país que foi colonizado por europeus e que escravizava pessoas negras e indígenas, possui, em

suas entranhas, esses tipos de discursos que são contra o movimento feminista e que demonstram fortemente uma cultura patriarcal, machista, misógina, racista, religiosa, homofóbica, transfóbica e (neo)conservadora.

## 5.2 Nós (não) podemos (não) ser “donas de casa”

Figura 4 – “Me preparando aqui para...”



Fonte: Página “Machistas da Zuera” no Facebook<sup>15</sup>.

Figura 5 – “Sim nós podemos!”



Fonte: Página “Antifeminismo” no Facebook<sup>16</sup>.

<sup>15</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Machistas-da-Zuera/877544682364969/photos/1206870766099024>. Acesso em: 12 fev. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/193804309149696>. Acesso em: 6 jan. 2021.

Em ambas as imagens acima temos algo em comum: o poder “lavar a louça” sinalizado no discurso. A primeira foi encontrada na página intitulada “Machistas da Zuera”, que possui um nome que traz expectativas de que se trata de um ambiente que entrega um conteúdo machista e “engraçado”, de modo que vemos “Rosie, a Rebitadora” no papel de dona de casa, lavando a louça: uma sátira à mulher – branca - que arregança as mangas.

A página é “dedicada ao entretenimento de todos, sendo apenas pura zoeira, não levem para o lado pessoal!”, segundo sua própria descrição, e possui 2.033 curtidas, juntamente com 2.104 seguidores. A imagem em questão possui 78 reações, 14 comentários, 35 compartilhamentos e a seguinte legenda: “Bora que a pia não vai se limpar sozinha!! ”.

Essa recontextualização, de 2017, indicia o período em que Butler – um nome fundamental para os questionamentos acerca de gênero e da performatividade de seus papéis – veio ao Brasil e foi chamada de bruxa por grupos neoconservadores. São questionados por ela, justamente, esses papéis cristalizados, ritualizados e designados às mulheres e homens em sociedade em nome do sexo e do gênero (Butler, 1990; 2004).

Lavar louça ou até mesmo ser uma “dona de casa” não é um problema, conforme argumenta hooks (2018 [2002]). O levantado aqui é o cunho em que a página se apresenta e o menosprezo da capacidade de uma mulher para realizar qualquer outra função.

Ainda, o meme e seu caráter jocoso dão às publicações políticas um aspecto superficial de brincadeira que não deve ser levada a sério, sem considerar o pensamento crítico, o que pode fazer com que ocorra de o posicionamento da publicação ser preconceituoso (Castilho, 2019).

Na segunda imagem, publicada em 2020, a página em questão possui 16. 511 curtidas, 16. 825 seguidores e a seguinte descrição: “CASTIDADE NÃO MATA, ABORTO MATA SIM PÁGINA ANTIFEMINISTA, CONSERVADORA, CRISTÃ,

POLÍTICAMENTE INCORRETA E DE EXTREMA DIREITA. FEMINISTAS E MGTOWS<sup>17</sup> AQUI NÃO TEM VOZ, NÃO TEM DEMOCRACIA. CHOROU? BAN CANTOU”.

A própria página se denomina como antifeminista, conservadora, cristã e de extrema direita, o que aponta, novamente, para os estereótipos de gênero que esses grupos exigem, em comum, sobre os corpos femininos (Faludi, 2001; Biroli; Vaggione, 2020; Lerner, 2019). Além do mais, temas como o “aborto”, central para os “valores familiares” desses grupos, no qual forjam uma “cidadanização do feto” (Vaggione, 2020), são colocadas em jogo em um período no qual a imbricação entre política e religião ainda estavam intensas: o então presidente Jair Bolsonaro em seu segundo ano de governo e a movimentação de grupos que o acompanham também (Corrêa; Kalil, 2020; Biroli; Vaggione, 2020). O projeto 5435/2020, hoje retirado pelo autor, que impossibilita o aborto até mesmo em casos de estupro, passava a existir. A pandemia estava encerrando seu primeiro ano.

O fato, ainda, de se tratar de uma página contra “MGTOWS” é confundível: por que se seriam aliados ao conservadorismo? Quem é autorizado a participar dessas páginas? Outro ponto é que, mesmo que não indique explicitamente, a frase “chorou? ban cantou” explicita, mais ainda, a antidemocracia – ponto central do conservadorismo – (Biroli, 2020; Brown, 2019) presentes nesses ambientes, nos quais, em qualquer divergência, mesmo que de pontos de vista, a pessoa pode ser bloqueada da página, deixando de visualizar postagens e de poder interagir de alguma forma com o grupo. Mas, de fato, e antes de tudo, as próprias proibições de exercício de direitos individuais são antidemocráticas.

---

<sup>17</sup> Sigla para Man Going Their Own Way (Homens seguindo seu próprio caminho, em português). São homens que desprezam as mulheres e optam por não se relacionar com elas, ou seja, um grupo misógino e antifeminista. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cy90kg5l955o>. Acesso em: 21 set. 2023.

Na figura, há a recontextualização de “Rosie” entre dois textos que dizem coisas antagônicas, ou seja, duas performances (Austin, 1962) que indiciam uma disputa de narrativas. De um lado, “Rosie, a Rebitadora” é recontextualizada em um muro no qual não se sabe, olhando a imagem, onde está localizado geograficamente e elementos como as cores vermelho no lenço, azul na roupa e amarelo ao fundo, bem como a própria mulher são citados nesse contexto. A frase é modificada para a sua tradução em português no primeiro texto, apontando diretamente para sua audiência: mulheres que sabem ler português. As cores, assim como em todas as figuras que recontextualizam “Rosie” até aqui, funcionam como um traço de memória do cartaz.

Já no segundo texto, há uma pichação na intenção de completar o enunciado “Sim nós podemos!” com o objeto direto “lavar louça”. Desse modo e, mais uma vez, é possível visualizar a presença da necessidade da mulher cumprindo seu papel na esfera doméstica, como a rainha do lar, dona de casa, conseqüentemente lavando a louça. O que indicia a presença concomitante do teor neoconservador, diferente do primeiro que deixa em aberto o que as mulheres, de fato, podem. Curioso é que, logo atrás de “lavar louça” existe uma outra pichação, em laranja, em um formato não muito bem definido, mas que possui uma forma fálica. Não dá para ter certeza acerca da intencionalidade, mas é o casamento perfeito entre sociedade patriarcal neoconservadora e o não direito de as mulheres exercerem qualquer atividade para além de seus preceitos.

Voltando ao primeiro texto pichado, talvez o seu sentido intencional seja, de fato, poder qualquer coisa, o que remete a um pensamento transformador da realidade social. Ao sabermos sobre a presença desse cartaz no contexto feminista, compreendemos também a existência desse primeiro texto – e, em certa medida, o segundo como resposta –. Seu direito de poder ganha um objeto direto retirado do modelo patriarcal.

## 5 Considerações finais

O objeto etnográfico “Rosie” é, como visto, uma entextualização complexa desde a Segunda Guerra Mundial, e possuía o intuito de chamar, por ora, as mulheres a participarem dos trabalhos nas fábricas enquanto os homens estavam em batalha. Anos depois, é percebido pelas feministas como um signo passível de transformação dentro e junto com o movimento.

Quando nos atentamos aos *backlashes* antifeministas, especialmente da atualidade, com a força das redes sociais, “Rosie” também está presente, recontextualizada e, como é de se esperar, de um jeito que retrocede o que o feminismo fez com a imagem. De qualquer maneira, o antifeminismo, de fato, procura retroceder o movimento feminista como um todo, e o cartaz é parte da rede textual que indicia isso.

Dessa forma, segundo Silverstein e Urban (1996), existe uma tendência a reperformar ou reviver certos textos-chave da cultura. Esse é o caso, de modo que, em tempos mais atuais, se torna um meme, que funciona como um artefato cultural. “Rosie” é um meme, pois viraliza, foi e é repetida constantemente em recontextualizações intensas, em múltiplos contextos, mesmo que, aqui, por motivos de extensão, seja possível apresentar apenas alguns desses (Varis; Blommaert, 2015).

O “we” ou “nós” dos cartazes forja a subjetividade das mulheres nas análises. Ao buscar compreender quem são as pessoas, em sua maioria mulheres, e o que estão autorizadas a fazer (a funcionalidade dos pronomes, dos verbos e dos objetos dos textos), mesmo que não dito explicitamente, as outras figuras inseridas nas recontextualizações mostram. Por exemplo, os padrões heteronormativos/heterossexuais são tensionados na dialética com os modos feministas de compreender as relações.

Como resposta ao movimento feminista, as recontextualizações de “Rosie, a Rebitadora” por e entre o antifeminismo, indica a tentativa de barrar avanços, centralizando as mulheres brancas nas recontextualizações e limitando o seu lugar

como dona de casa que performa padrões tradicionais e ritualizados (Butler, 1990; 2004) de gênero.

Consoante à citacionalidade (Nakassis, 2013), algumas citações se repetiram, mas de formas distintas, de maneira que as diferenças analisadas dispensam a semanticidade e/ou a performatividade presentes nas recontextualizações. Ainda assim, mesmo que a citação trouxesse algo novo, algo do citado sempre se manteve (e do não-citado se perdeu) e essa persistência tornou a citação realizável, já que suportou a potência da descontextualização e da recontextualização.

Por fim, o que cabe às feministas é a consciência de estar em um caminho certo, porque, como foi possível observar, as “revoltas” antifeministas só ocorrem quando passos são dados em direção à igualdade entre os gêneros. Essa consciência precisa vir acompanhada de força e resistência para seguir lutando. Como pensa Faludi (2001, p. 340), “apesar de qualquer obstáculo armado contra a marcha para a igualdade, apesar dos novos mitos inventados, das penalidades impostas, das oportunidades cortadas ou dos embargos criados, ninguém poderá jamais tirar da mulher a justeza de sua causa”. Sigamos.

## Referências

AGUIERRE, R. The Evolution of the “We Can Do It” Poster and American Feminist Movements. *McNair Research Journal SJSU*, v. 14, n. 3, p. 1-22, 2018. Disponível em: <https://scholarworks.sjsu.edu/mcnair/vol17/iss1/7/>. Acesso em: 16 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.31979/mrj.2018.1403>

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. In: RIBEIRO, D. (org). **Feminismos Plurais**. Pólen: São Paulo, 2019.

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BAUMAN, R.; BRIGGS, C. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. **Ilha** – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 8, n. 1-2, p. 185-229, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/18230>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BALLESTRIN, L. Feminismo De(s)colonial como Feminismo Subalterno Latino-Americano. **Estudos Feministas**, v. 11, n. 2, p. 1-14, 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n375304>

BATISTA, B. de C., “**Go to hell**”: As memórias de gênero e de bruxas em uma manifestação contra Judith Butler em 2017. 2020. 135f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BIROLI, F.; MACHADO, M. D. C.; VAGGIONE, J. M. **Gênero, neoconservadorismo e democracia**. São Paulo: Boitempo, 2020.

BLOMMAERT, J. Contexto é/como crítica. In: SIGNORINI, I. (org.). **Situar a língua[gem]**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 91–115.

BLOMMAERT, J.; SZABLA, M.; MALY, I.; PROCHÁZKA, O.; Online with Garfinkel: essays on social action in the online-offline nexus. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 229, 2019. Disponível em: <https://research.tilburguniversity.edu/en/publications/online-with-garfinkel-essays-on-social-action-in-the-online-offli>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019. Tradução: Mario Marino e Eduardo Altheman Santos.

BUTLER, J. **Gender trouble**: Feminism and the subversion of identify. New York & London: Routledge, 1990.

BUTLER, J. **Lenguaje, poder e identidad**. Madrid: Editorial Síntesis, 2004. Tradução: Javier Sáez e Beatriz Preciado.

CASTILHO, F. M. C. de. **A influência do humor na opinião pública em mídias sociais**: Uma análise dos memes compartilhados no Impeachment de 2016. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2019.

GONZALES, L. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento feminista hoje**: perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HEINE, L. B.; SALES, M. C. C. Enunciado metamorfoseado: contribuições de Bakhtin e Volochínov para estudo do cartaz de Rosie. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, 2020. DOI <https://doi.org/10.33871/22386084.2020.9.16.265-281>

HINE, C. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. Londres: Bloomsbury Academic, 2015.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

JUNIOR, L. A. M. V.; PELÚCIO, Larissa. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”. **Estudos De Sociologia**, v. 25, n. 48, p. 87-113, 2020. DOI <https://doi.org/10.52780/res.13447>

LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. São Paulo: Cultrix, 2019. Tradução: Luiza Sellera.

LÔBO, M. P. **O “lugar” da mulher na publicidade: análise de discurso de peças publicitárias comemorativas do Dia Internacional da Mulher**. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína, 2017.

MOITA LOPES, L. P.; FABRICIO, B. F. Viagem textual pelo sul global: ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (dis)curso**, v. 18, n. 3, p. 769-784, 2018. DOI <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180306-do0618>

MOITA LOPES, L. P. da. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trab. Ling. Aplicada**, Campinas, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8645268#:~:text=Resumo,quais%20sub%2Dpol%C3%ADticas%20s%C3%A3o%20constru%C3%ADdas>. Acesso em: 16 jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.1590/S0103-18132010000200006>

NAKASSIS, C. Citation and Citationality. **Signs and Society**, n. 1, v. 1, 2013. DOI <https://doi.org/10.1086/670165>

PINTO, J. P. Corpos em trânsito e trajetórias textuais. **Revista da Anpoll**, n. 40, p. 151-164, 2016. DOI <https://doi.org/10.18309/anp.v1i40.1024>

PINTO, J. P. Linguagem, feminismo e efeitos do corpo. In: SILVA, D. N.; FERREIRA, D. M. M.; ALENCAR, C. N. de. **A nova pragmática: Modos de fazer**. São Paulo: Cortez, 2014. p. 207-230.

PINTO, J. P. O percurso do performativo. **Revista Cult**, p. 35-36, 2013. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-percurso-da-performatividade-183-nov2013/>. Acesso em: 21 jul. 2021.

SARMENTO, R.; CHAGAS, V. Bela, recatada e do bar: memes de internet, política e gênero. In: **7o Compolítica** - Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política, Porto Alegre, 2017.

SILVA, C. F. S. “Nós (não) podemos fazer isso!”: fios emaranhados das trajetórias feministas e antifeministas do cartaz “Rosie, a Rebitadora”. 2022. 106 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2022.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. **Language & Communication**, p. 193-229, 2003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0271530903000132>. Acesso em 16 jun. 2023. DOI [https://doi.org/10.1016/S0271-5309\(03\)00013-2](https://doi.org/10.1016/S0271-5309(03)00013-2)

SILVERSTEIN, M.; URBAN, G. **The natural history of discourse**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

VARIS, P.; HOU, M. Digital approaches in linguistic ethnography. In: TUSTING, K. (org.). **The Routledge Handbook of Linguistic Ethnography**. Abingdon: Routledge, 2020. p. 229–240.

VARIS, P.; BLOMMAERT, J. Conviviality and collectives on social media: Virality, memes and new social structures. **Tilburg Papers in Culture Studies**, n. 108, 2015. DOI <https://doi.org/10.4324/9781315675824-17>